

MARGENS PITORESCAS DO BUQUEIA, no Congo

(Cliché do distinto amador, tenente coronel sr. Carolino Acacio Cordeiro, cuja esposa e filho se vêem na formosa paisagem)

2.^a série — N.º 501

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Trimestre..... 1\$20 ctv.
Semestre..... 2\$40 -
Ano..... 4\$80 -

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal

Lisboa, 27 de Setembro de 1915

Dirêtor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

REMINGTON
UMC

CARTUCHOS PARA TODAS AS PISTOLAS E REVOLVERES

Uma estatística dos atiradores exímios de revólver e pistola, mostrará que a maioria usam cartuchos REMINGTON-UMC. Sua exactidão, rapidez, regular e certa são demonstradas pelos records do mundo:

- Campeonato Olympic, ganho por A. P. Lane, marca 492 x 600.
- Campeonato Olympic, com pistola de duello, ganho por A. P. Lane, marca 287 x 300.
- Campeonato de pistolas e revólveres em geral, ganho por A. P. Lane (Record do mundo) marca 1261 x 1400.
- Campeonato de revólver dos Estados Unidos, ganho por A. P. Lane, marca 467 x 500.
- Campeonato de pistola dos Estados Unidos, ganho pelo Dr. J. R. Callins, marca 469 x 500.
- Campeonato por juntas de cinco atiradores, ganho pelo Springfield Revolver Association, record do mundo, marca 1154 x 1250.

Acham-se à venda nas principais casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic
Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y.,
E. U. da A. do N.
Representantes:
No Sul do Brasil: L. E. & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro
No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLE,
Caixa Postal 20 A., Manaus



Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, L., do Camões, 3, Lisboa.



ALMANAQUE d'O SEculo
ILUSTRADO
PARA 1916

BREVE MENTE

LANCE A SUA FUNDA AO FOGO

Milhares de pessoas são curadas completamente e abandonam as suas Fundas.

Todas as importantes descobertas em medicinação com a Arte de Curar não são feitas por pessoas medicas. Existem excessões e uma d'ellas é verdadeiramente a maravilhosa descoberta feita por um intelligente e habil velho, William Rice. Depois de ter soffrido durante bastantes annos, de uma hernia dupla, a qual todos os medicos declaravam ser incuravel, decidiu se dedicar toda a sua energia em tratar de descobrir uma cura para o seu caso. Depois de ter feito toda a especie de investigação velu por casualidade deparar com o que precisamente procurava e não só ponde curar-se a si proprio completamente, assim como a sua descoberta foi travada em todas as classes de hercolberta foi travada em todas as classes de hercolberta foi travada em todas as classes de hercolberta...



Cure V. S.ª a sua hernia e lance a sua Funda ao fogo.

oferece-se enviar gratuitamente a todo o paciente que sofra de Hernia, detalhes completos acerca d'esta maravilhosa descoberta, para que se possam curar como elle e centenares de outros o tem sido.

A Natureza d'esta maravilhosa cura effectua-se sem dor e sem o menor inconveniente. As occupações ordinarias da vida seguem-se perfeitamente enquanto que o Tratamento actua e CURA completamente—não dá simplesmente alivio—de modo que as fundas não se tornarão necessarias, o risco de uma operação cirurgica desaparece por completo e a parte afetada chega a ficar tão forte e tão sã como d'antes.

Tudo está já regulado para que a todos os leitores d'este jornal, que sofram de hernias, lhe sejam enviados detalhes completos acerca d'esta descoberta sem equal, que se remetem sem despeza alguma e confia-se que todos que d'ella necessitem se aproveitarão d'esta generosa offerta. E' sufficiente encher o coupon incluso e enviar-lo ao correio a direcção indicada

COUPON PARA PROVA GRATUITA.
WILLIAM RICE (n.º 944), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E.C., INGLATERRA.
Nome.....
Endereço.....

P. PARTICULAR
INSTITUTO especial para informações, investigações e vigilância de pessoas RUA DO REGEDOR (ao Gal-das) 9, ric.—LISBOA.

FRASCO \$20

ROSENE

FORMIGAS-DESTRUIÇÃO COMPLETA DAS FORMIGAS

DEPOSITARIOS:
Em Lisboa — Loja Utilidades, rua do Curro, 112, e Loja de C. e C., rua do Jardim do Regedor, 19 e 21.
No Porto, para o norte do país — Eduardo Rato & C., rua do Bom Jardim, 25, 1.ª

FRASCO \$20

MOZAICOS — AZULEJOS —
CAL HYDRAULICA
CIMENTO AGUIA ROCHEDO
GOARMON & C.ª
Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
TELEPHONE 1244 — LISBOA

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777 — LISBOA

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de responsabilidade limitada:

CAPITAL:	
Accões	300.000\$000
Divrções	332.500\$000
Fundos de reserva e amortizacão	400.000\$000
Total.....	1.032.500\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marinhã e S. brelinho (Tonaz), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale-Maior (Alegria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispo do dos maquinismos mais aperfeiçoados para a industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especificas de qualquer qualidade de papel de machina, continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — **Escritorios e depositos:** 270, RUA DA PRINCEZA, 276, LISBOA, — 49, RUA DE PASSOS MANOEL, 51, PORTO. — End., teleg. em Lisboa e Porto: *Companhia Prado*. Numero telefonico: LISBOA, 615 — PORTO, 117.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 501

27-9-1915

Saber e vencer

Contam os jornaes que o explorador canadiano Stefanson deu sinaes de si. Tinha partido para os gelos do Alaska e, agora, com a noticia de que ainda é vivo, chega-nos, tambem, a novidade de ter descoberto mais um pedaço de terra gelada. Ha dois anos que Stefanson permanece isolado do mundo; será, talvez, o unico branco do globo que ignora a grande guerra. Das suas investigações pacientes, do seu nobre isolamento, sairá um

profundo e util livro. N'este momento em que metade do mundo tem a sede imperiosa de vencer, existem ainda homens com a sede inadiavel de saber. Uma e outra não recuam deante de nenhum sacrificio — e ambas oferecem a vida.

E que vale, realmente, a vida perante a certesa gloriosa de saber e de vencer? N'esta fusão de dois desejos diferentes está toda a marcha ascencional do homem para misteriosos destinos. Saber melhor, vencer melhor, morrer bem para que depois, sempre, infinitamente, outros saibam, vençam e morram — até ao instante perdido entre os seculos em que todos dormiremos debaixo da mão de Deus.

A ponte da Trafaria

Tanto suplicaram as multidões, tão altos empenhos se moveram, que, uma d'estas manhãs, dois homens tristes e abatidos, levando um martelo e um pacote de prégos, desembarcaram na Trafaria e começaram concertando uma vetustissima ponte que lá existe, onde costumam atracar os paquetes de Lisboa. Correu logo pela Trouville alfacinha a extranha nova; as casas oscilaram — e uma creança morreu de pasmo. Só mais tarde é que se soube

tratar-se de um simples remendo e o entusiasmo arrefeceu. Não vejo, na verdade, motivo, apesar de tanta reclamação, para se proceder a reparações embora pequenas. O dinheiro está caro. Dizem que a ponte ameaça ruina. E' duvidoso, embora tivesse sido inaugurada por Mathusalem. As madeiras portuguezas são rijas e boas. E depois, ha uma pergunta que varre todos os arrazoados. Porventura, a ponte, já matou alguém? Não. Por conseguinte está ótima.

Revistas por sessões

Ainda sou do tempo em que havia apenas uma

ou duas revistas do ano, — geralmente boas e que, constituindo um resumo alegre de doze arastados mezes, tinham principio, meio e fim, musica passavel, plastica regular e espirito ás mancheias. Uma revista era, então, um acontecimento. Em plena decadencia literaria, com um publico de analises primitivas e de rudimentar educação artistica, as revistas multiplicaram-se — e encolheram. Existem, agora, aos mólhos e

por sessões; duas vezes por noite, a preços convidativos, se bisam os mesmos chistes. Parece, porém, que ha, algures, uma que tem as honras do «ter» em quatro apertadas horas. E' o Progresso. Tenho a esperança de que, em breve, surgirá a Revista das Revistas, a revista ideal. Será aquela que se repetir tantas vezes n'uma só noite, — que termine mesmo antes de ter começado. E para essa, meus amigos, prometo ir ao «guichet» comprar o meu bilhete.



Ultima

N'uma velha comedia de Goldoni, o «raisonneur», no fim do seu papel, deixa bruscamente o seu tom de «commande», avança até á beira de cena e, na voz mais natural d'este mundo, pede desculpa ao publico. Deixem-me sêr, um momento, o costumado moralista do escritor venesiano. Como os emissarios do Triunfador, agito uma palma verde e se não exclamo: — «Ahi vem Alexandre!» —, com a maior simplicidade comunico que está a chegar o legitimo proprietario d'esta primeira pagina da «Ilustração».

Aqui o vereis na proxima segunda-feira. Julio Dantas retoma a sua cronica e, em verdade vos digo, vou gosar com delicias, o meu descanso. Estas quarenta linhas que o leitor percorre em dois segundos, que, em tantas occasiões, nem mesmo chega a percorrer, custam, muita vês, a enfileirar. Só quem as faz o sabe. De forma que eu, minhas senhoras e meus senhores, aparecendo, no fim, como o ator da velha comedia, não tenho, sem duvida, jus á vossa consideração, mas espero — e muito — da vossa benevolencia. «Vale».

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



O VAGABUNDO



Havia, n'uma aldeia proxima, um peiz, dos seus doze anos, a quem a sorte ingrata tinha atirado para o mundo. Sem familia, sem casa nem pão, coberto por uns velhos trapos, vivia ele do produto de alguns recados que fazia e do que pelos portas esmolava. As suas noites passava-as n'uma estrebaria, onde por piedade o deixavam ficar.

Era este pequeno—apezar da sua triste situação—de uma grande alegria, tido por correto no seu procedimento e muito religioso, indo ouvir missa todos os domingos á capelasia da aldeia, o que lhe valeu a alcunha de «abade», epíteto que refletia, tambem, a sua sempre bonomia e o seu ar protetor para com os outros rapazes, a quem muito entretinha com as suas originaes e exoticas historias.

Uma d'elas—e talvez a mais interessante—era a que narrava a sua origem, que ele atribuía a uma lenda e na qual ninguém acreditava.

Fosse, porém, como fosse, o caso é que ele appareceu n'aquella aldeia, conseguindo ali crear simpatias.

Parecia, pois, viver feliz; e a sua vida seguia-se—por assim dizer—sempre a mesma: fazendo recados, esmolando, ora divertindo os rapazes seus companheiros com historias e anedotas, ora com eles brincando.

Entre as familias residentes n'aquella aldeia, havia uma—a mais abastada—cujos creados muito protegiam o «abade», pois este os fazia rir com os seus ditos e com a algaraviada dos seus contos. Foi, por esse motivo, que ele tomou conhecimento com a unica filha dos donos da casa, uma gentil pequenita de quinze anos, chamada

Luiza, muito alegre e a quem o rapazito tinha inspirado, além de uma certa simpatia, uma grande comiserção. E assim, em todos os momentos disponiveis, Luiza procurava distrair-se com ele, ouvindo lhe entusiasmadamente as historias, pagando-lhe sempre essa distração com dinheiro ou de comer, paga que, geralmente, acompanhava com bons conselhos e palavras de conforto. E a tal ponto lhe dispensava proteção que o rapasito lhe chamava a sua madrinha.

Todavia, os paes da menina, que tinham por ela uma grande estima e lhe consagravam o maior amor filial, receiavam—com natural cuidado—o contagio com o vagabundoso, proibindo a Luiza de se entreter a ouvir-o e a falar com ele tão frequente e entusiasmadamente como o fazia.

Não foi, porém, sem um protesto da sua parte que ela recebeu essa intimação, tanto mais que — dizia — «é um pobre rapazito, sem pae nem mãe, sem ninguém que o trate, que lhe dê carinhos...»

«Pois sim, minha filha, lhe disse o pae n'um tom severo—bem sabemos isso; ficam-te muito bem e apreciamos com orgulho os teus bons sentimentos, mas deves compreender que não é proprio d'uma menina de boa educação estar constantemente a falar com um esfarrapado, como de equal para equal».

E, aproveitando a presença d'uma creada, acrescentou:—«Hão de dizer a esse garoto que o dia das esmolos n'esta casa, é á sexta-feira e, por conseguinte, escusa de vir para cá, sob pena de o mandar correr».

D'ahi por diante e em virtude do aviso das creadas, o «abade» a médo passava pela casa de Luiza; e, quando tinha de o fazer, quasi que nem para lá olhava.

Embora esse aviso o tivesse chocado vivamente, a ninguém o tinha transmitido.

Luiza, porém, é que não se esquecia do vagabundoso; e, desde a terminante proibição de seu pae, sentira-se invadir por uma grande tristeza, pois que, além da falta de distração que o



bemfazeja mão de Luiza, que acompanhava a sua ação com um olhar cheio de ternura, traduzindo a muita comiseração que ele lhe inspirava.

Passou-se tempo.

Um dia, Luiza, com a sua velha creada, saíra no trem da casa, em visita a umas tias que longe da aldeia habitavam. Ao regressar, em uma das voltas do caminho, o seu antigo cocheiro fôra atingido na cabeça por uma bala, desfechada involuntariamente da arma d'um pobre guarda-campeste.

Os cavalos que conduziam o carro, fegosos e possantes, ao sentirem-se sem governo e irritados pelo estrepitar da arma, largaram em correria desordenada, parecendo quererem desfazer tudo quanto atrás de si levavam.

A aflição de Luiza e da sua creada era indescritível e na sua mente desenhava-se, como fim d'essa tragedia, o quadro assustador d'uma morte horrível.

Quiz, porém, a Providencia, que o «abade», incumbido de um qualquer recado, passasse ao caminho n'essa ocasião.

O pequeno rapaz, vendo fugir desabridamente um trem, reparou de relance que o cocheiro, caído sobre a boleia, tinha largado as redeas e que os passageiros iam loucamente aflitos.

Sem perder um minuto a raciocinar, tomou o partido de socorrer aqueles infelizes; e, sem hesitações, correu ligeiro atrás do carro, lançando-se á frente dos cavalos e agarrando-se ás redeas, o fez com tal pericia que conseguiu subjugal-os. A breve trecho, os animaes estavam como que contidos por uma força milagrosa.

O «abade» ponde inteirar-se do que se passava: o cocheiro, quasi mortalmente ferido, jazia imóvel na concha do carro; dentro, desfalecida, a velha creada mostrava no rosto os horrores dos momentos porque tinha atravessado; a seu lado,

Luiza, com as feições cadavericas, estava hieta, parecendo hipnotisada. Ao ouvir, porém, a voz do rapazito, cobrou animo e a sua figura illuminou-se-lhe d'uma esperança de salvamento.

O pequeno vagabundo, sem mais esperar, saltou para a boleia e aconchegou a si o corpo do cocheiro que estava inerte. De seguida, tomando o governo dos cavalos, conduziu o carro até á herdade onde, em breves palavras, contou o que acabara de suceder, saindo depois, um tanto

rapazito lhe proporcionava, muito a aborrecia a idéa de não poder minorar-lhe a miseria, socorrendo-o quasi diariamente como o fazia, apesar de, por intermedio da sua mais fiel creada, de vez em quando, lhe mandar de comer e algumas moedas sob qualquer pretexto apanhadas a sua mãe.

Ao domingo, á saída da missa, sempre que os dois se podiam avistar, era com intima alegria que ele recebia a esmola dada pela pequenina e

apressadamente, mais temendo de ser repreendido por se ter abalancado a entrar n'aquela casa, do que esperando na recompensa do seu feito.

Luiza, caindo nos braços de seu pai — que, prevenido, chegára n'esse momento — a custo pode contar o que se passára; pedindo-lhe, apenas, para bem premiar o seu salvador.

Uma crise de choro a consterrou, não encontrando ali o rapazito.

Comovido, o pai mandou-o vir á sua presença e o vagabundo-sito — comprometido e humildemente — apresentou-se deante d'aquelle que considerava seu inimigo. E ao ser-lhe oferecido dinheiro como paga do seu feito heroico, regeitou-o meio confundido

pela sua altivez e pela humilhação que essa recompensa para ele constituia.

— Então o que queres? lhe perguntou o pai de Luiza.

— Nada, respondeu resolutamente o pequeno — basta-me a satisfação de ter salvo a menina Luiza.

E dispunha-se a sair quando esta, en-

tão, implorou do pai que o tomasse para casa para ele não passar privações, ao que o pai acedeu, dizendo-lhe: — Bem, rapaz, vou educar-te, fazer de ti

um homem util á sociedade, para o que tens boa intenção e uma dignidade que agora se comprovou. Ficas á minha proteção. De hoje para o futuro e enquanto te portares bem fazes parte d'esta casa; mas se alguma vez prevaticares, fica sabendo que, apesar da ação que agora praticaste, e que te deve encher d'orgulho, não poderás mais contar com essa proteção. Faz, pois, por sempre mereceres o acolhimento que a providencia acaba de proporcionar-te.

.....
.....
.....
Anos de pois, o en-
tão peque-

no vagabundo era mordomo d'aquelle solar e entretinha os filhos de Luiza com as anedotas que, em creança, lhe tinham feito gran- gear a afeição da mãe, ainda sempre conservada no mesmo grau.

MARIO DO CHOU-
PAL.

FIM



MERECIDA DISTINÇÃO



Em plena faina.—Alfena

¶ Não é um desconhecido para os leitores da *Ilustração Portuguesa* o distinto fotógrafo portuense sr. Domingos Alvão de quem tão primorosos trabalhos temos publicado. Pois este nosso querido colaborador artistico acaba de obter o *Grand Prix* na exposição do Panamá pelas artisticas fotografias que n'ela apresentou e das quaes nós reproduzimos duas n'esta pagina que lhe é consagrada com toda a nossa admiração e estima.



O distinto fotógrafo portuense sr. Domingos Alvão.



Nas horas vagas.—Trofa

Na Guarda—As escolas de repetição



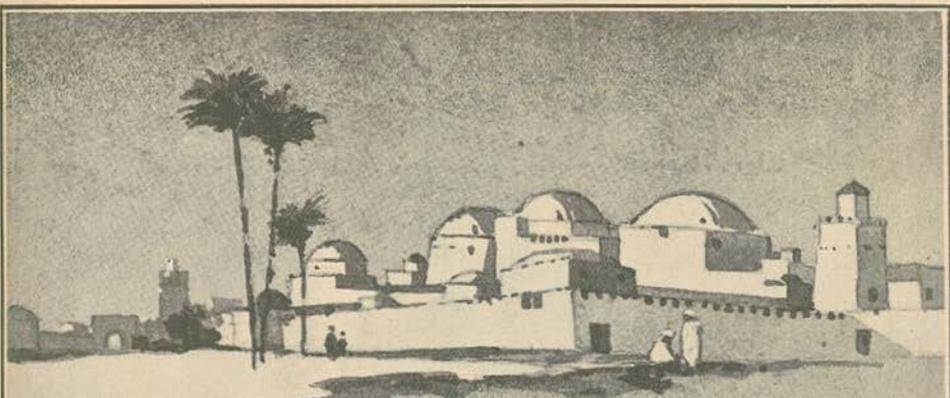
Um descanso—Bivaca na Arrifana

Tambem na velha cidade da Guarda foi motivo para regosijo dos nossos soldados os exercicios de repetição. Tanto officiaes como praças deram as melhores p ovas de uma disciplina rigorosa conservando, durante os trabalhos exercicios que realisaram, as melhores disposições, sem fadigas de qualquer especie, apesar das marchas torçadas a que foram obrigados.

Em todas as povoações por que passaram foram recebidos festivamente e muito obsequiados.



O jantar dos officiaes



AS DORZIS DE FEZ

I

—«Allah Akbar! Allah Akbar!»—E o claro grito
Canta ao vago luar da antemanhã
As altas glórias imorlaes do Islam,
E sobe e vae perder-se no infinito...

—«Allah!...»—Só ele é grande, e está escrito
Que a vida humana é transitoria e vã ...
E ha desmaios na verde Aldebaran,
E incendios d'oiro elevam-se do Egypto...

Dorme ainda o aduar. Uma palmeira,
Junto ás muralhas da cidade santa,
Inclina-se e abençoa uma cisterna...

N'um minarete sangra um? bandeira...
E a voz do muezzin de novo canta,
E sonha, e esvae-se Além, na Sombra eterna...

II

Altos muros de Fez, altas ameias,
Mordendo as nuvens d'oiro em ameaça,
Guardando o sono antigo d'uma raça
Cujo sangue palpita em minhas veias...

Por sobre Karuin e as açotéas
Um vôo de cegonka alveja e passa...
Uma nevoa de rosas esvoaça
Do mar até ás libycas areias...

A hora do Moghreb, a hora santa...
—«Allah Akbar! Allah Akbar!»—Cravos vermelhos
Morrem, longinquos, em festões, na serra...

E a voz do muezzin de novo canta...
De joelhos os crentes! De joelhos
A propria noite vem rezar na terra...

Candido Guerreiro.

STRAIT

918

O Velho Mundo em guerra



Não ha duvida: a situação da Turquia agrava-se formidavelmente. O armamento e munições, que a Alemanha lhe havia prometido com outros recursos de varia especie, nunca lá chegaram e já não ha esperança de que cheguem. Teem sido recolhidas todas as armas e munições que existiam em poder dos particulares, e instrumentos cortantes, principalmente aqueles em que ha qualquer coisa de cobre. Não ha que comer nem que vestir, nem medicamentos e pensos com que acudir aos milhares de feridos que todos os dias entram em Constantinopla, não se encontrando já para substituir tantas baixas no campo de batalha senão menores de 17 anos e homens de idade superior a 50.

Esta situação difficilima tem provocado um grande movimento de odio contra os alemães e produzido uma terrivel desordem nos espiritos, avivando os ferros instintos d'aquelle povo inculto. Se não, veja-se o requinte de selvajaria para com os armenios; como se martirisa infamemente essa pobre gente, chacinando-a em suas proprias casas e vendendo as mulheres mais

Sentinela italiana-vigiando no pincaro de uma montanha

(Ulché Miles)

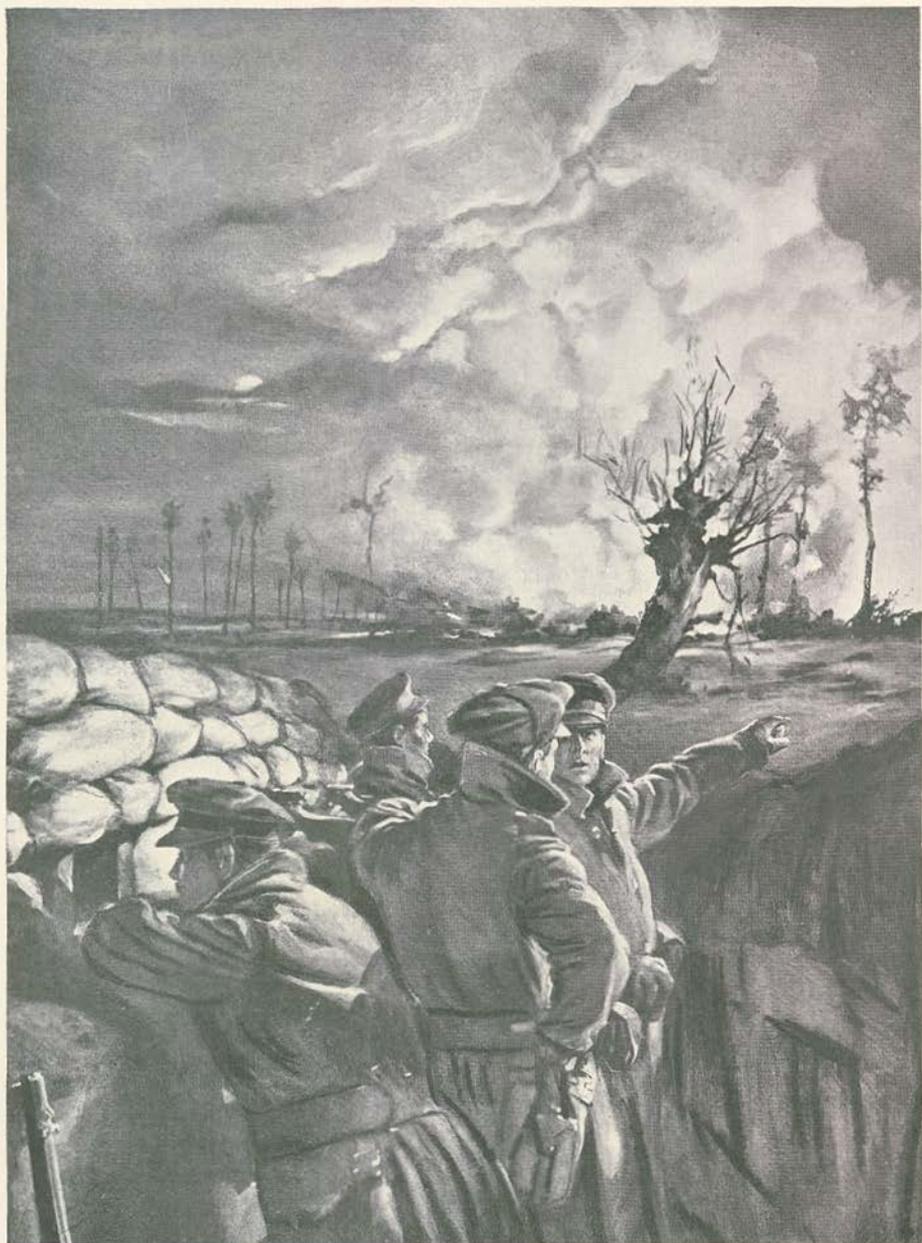
bonitas e as creanças em hasta publica! E' pavoroso o que se está passando na capital do imperio otomano e é impossivel que fiquem sem castigo essas cenas de inaudita barbarie. A Turquia tem de desaparecer do mapa das nações europeas; o seu solo tem de ser franqueado á humanidade e á civilisação para que se resgatem quanto antes os crimes que sobre eles se teem cometido.



UM INVALIDO

(Desenho de Ferreira da Costa)

No meio de duro batalhar em defesa da patria, cae para sempre impossibilitado de voltar ás fileiras para o lado dos seus queridos camaradas. O desgosto profundo que isto lhe causa só tem compensação na consciencia de ter cumprido o seu dever e no vivo exemplo de civismo e de heroidade, que todos admiram n'ele.



RUINAS E RUINAS!

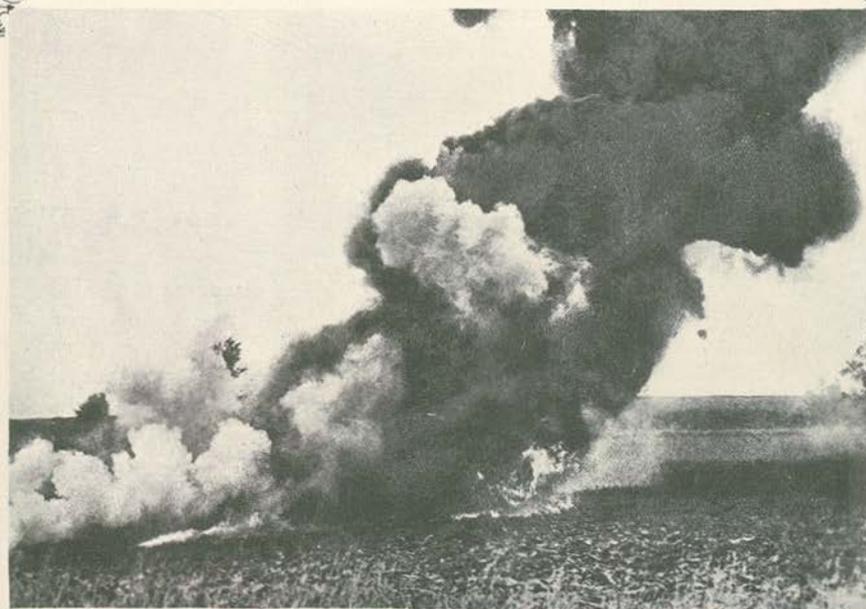
Onde se vê hoje esta trincheira havia uma casa apalaçada com seu jardim, de que é difícil reconhecer qualquer vestígio. Tudo foi arrazado pela artilharia, como acontece em geral na frente da ba-

talha. Não ha nada que resista, nem as proprias paredes grossas dos predios, inaproveitaveis para trincheiras, tendo estas de ser oonstruidas com terra, ramos e sacos de areia.

(The Sphere).

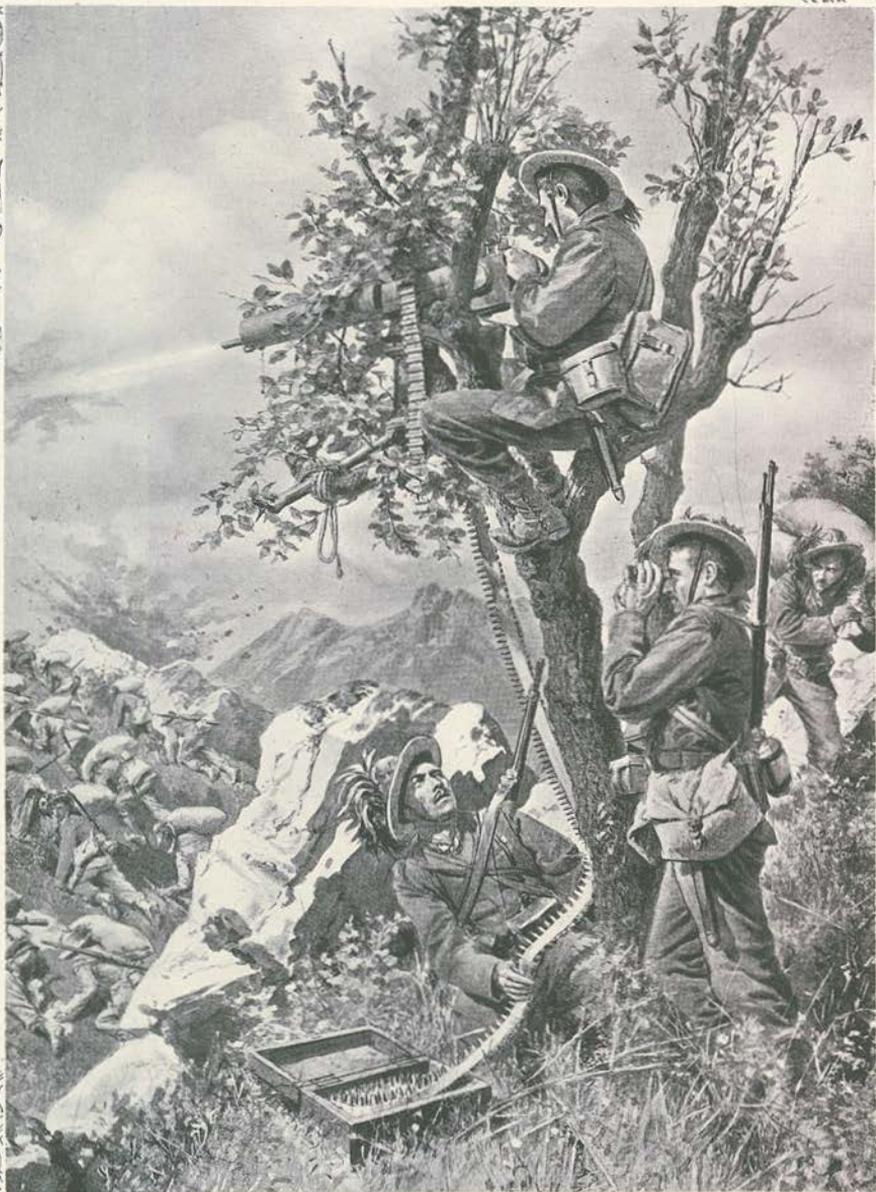


Os franceses apoderaram-se dos aparelhos alemães *tança-chamat* e servem-se d'elles contra o inimigo.



As nuvens de fumo produzidas por um novo *ataque-quimico* que os inglezes experimentaram em Hooge

O avanço da infantaria italiana



Uma metralhadora montada sobre o tronco de uma árvore ajuda eficazmente esse avanço, fazendo um fogo ininterrupto e mortífero.

Pela extensa fita de cartuchos que se

vê saindo do respetivo estojo e desenrolando-se ao longo da árvore, faz-se idéa da quantidade de tiros sucessivos que pôde fazer uma d'essas armas.

(The Sphere).



Um contingente au-tro-hungaro atravessando o Isonzo



Na Polónia: Gansos roubados aos camponeses russos para o exercito do kaizer

(Clichés M. Branger)

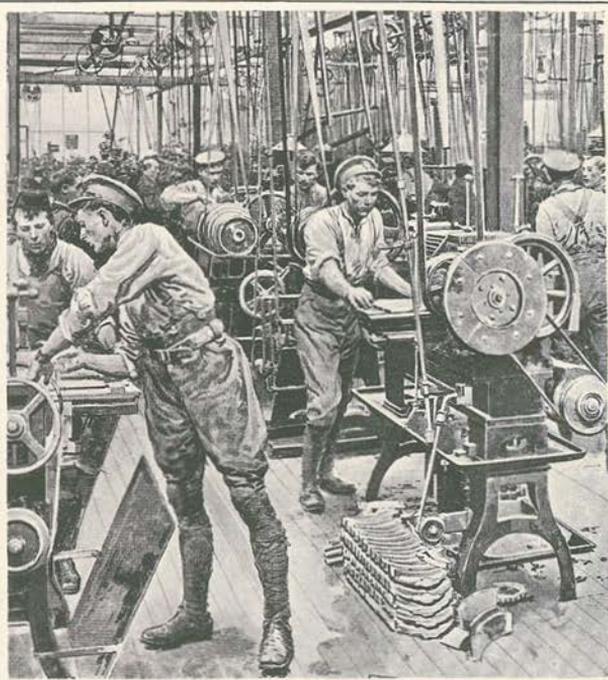


A guarnição de um «destroyer» português acode ao grito da vigia: *Periscopio a estibordo!*

Fabrico de munições em Inglaterra.

— Pelas notícias diárias vindas de Londres, reconhece-se que é prodigiosa a crescente produção de munições de guerra, que chegam não só para todas as necessidades das tropas britânicas em combate, mas ainda para depósito de reserva e suprir qualquer falta dos exercitos aliados.

A mulher inglesa tem, sem duvida, um grande papel na ampla e entusiastica reorganização d'esse trabalho. Varios aspectos fotograficos publicados na



Trecho de uma fabrica de munições em Inglaterra, onde trabalham os soldados que voltaram das trincheiras.

Ilustração dão bem a idéa d'esse simpatico e patriótico papel.

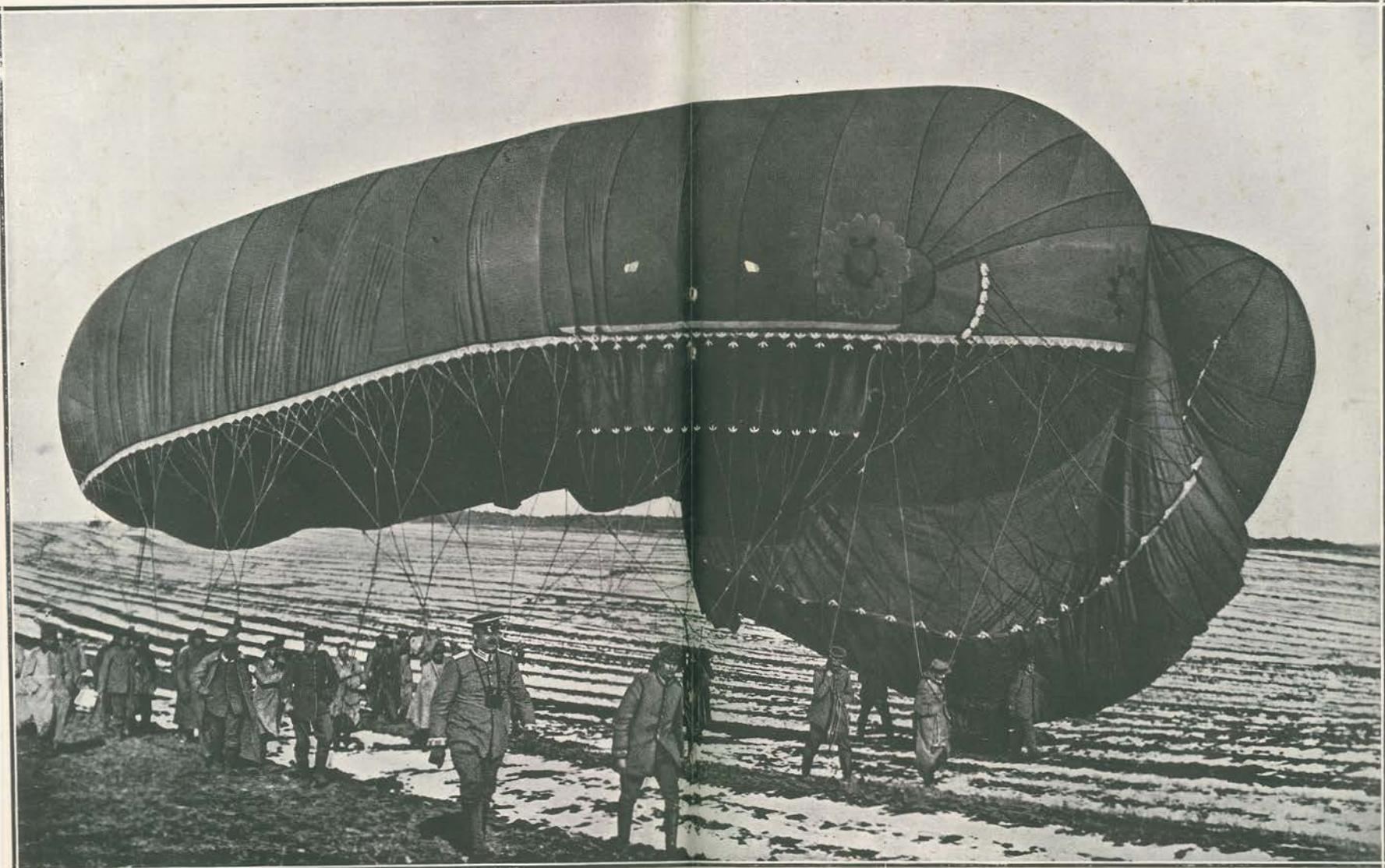
Mas as fabricas de munições não encontram menos dedicada co operação nos que voltam das trincheiras inutilizados para combater, mas sempre prontos a consagrar, por qualquer meio, a defeza da patria, o que lhes resta de forças e de membros para o trabalho.

Assim é que quantos regressam do campo de batalha n'estas condições passam a occupar-se n'esse importantissimo serviço.



Tropas inglesas marchando de manhã cedo para o teatro da guerra

UM POSTO DE OBSERVAÇÃO NO AR



Os alemães estão substituindo nos seus serviços aéreos de observação o balão esférico por um balão

cativo de outro feitio, que resiste melhor á tempestade, mas que é mais facil de ser atingido, como já

houve provas. N'uma das extremidades tem um saco, outra especie de balão, com uma abertura, por onde

entra o vento e o enche, ficando o aparelho equilibrado e firme como um papagaio com a sua cauda.

(The Illustrated London News).



VENEZA. — A bela cidade de Italia, a *cidade dos doges* d'onde o viajante traz sempre as mais gratas impressões, tambem foi ha dias alvejada pelos aeroplanos austriacs, felizmente sem consequencias desastrosas. Esta fotografia tirada de um aeroplano oferece os mais admiraveis aspectos da cidade.



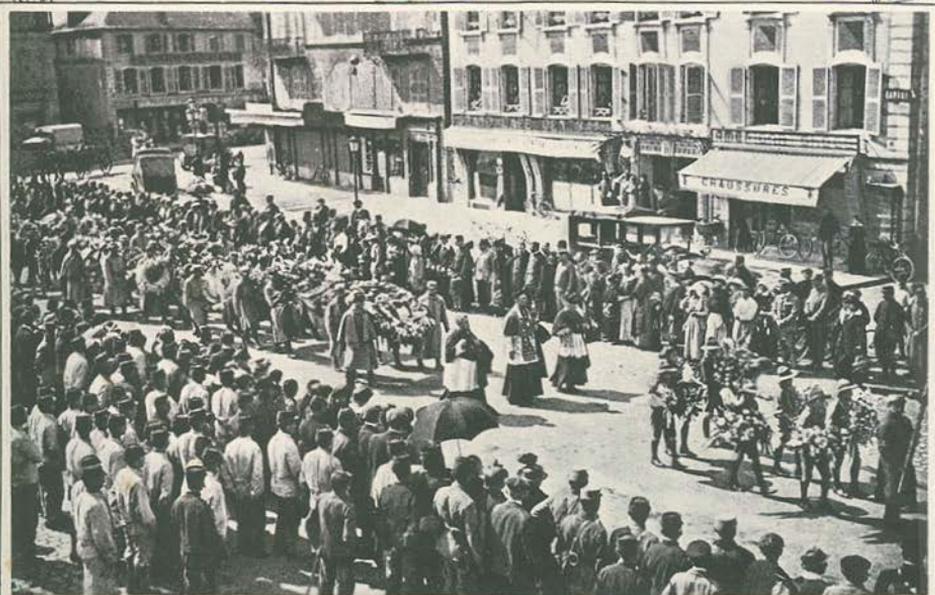
NA POLONIA.—1. Tropas desfilando n'uma das estradas mais pitorescas da Polónia.—2. Um carro de munições austriaco atravessa uma estrada envolto em poeira.—3. Cavalaria hungara explorando as margens de um rio.—4. A travessia de um rio por meio de barcos compridos.



Luta no ar. — Pegoud, perseguido por dois aviadores alemães, foi atingido por um tiro. O seu aparelho, sem governo, veio cair n'um campo aonde o povo acudiu em seu socorro, encontrando infelizmente apenas o cadaver de um martir da patria—(The Illustrated London News).



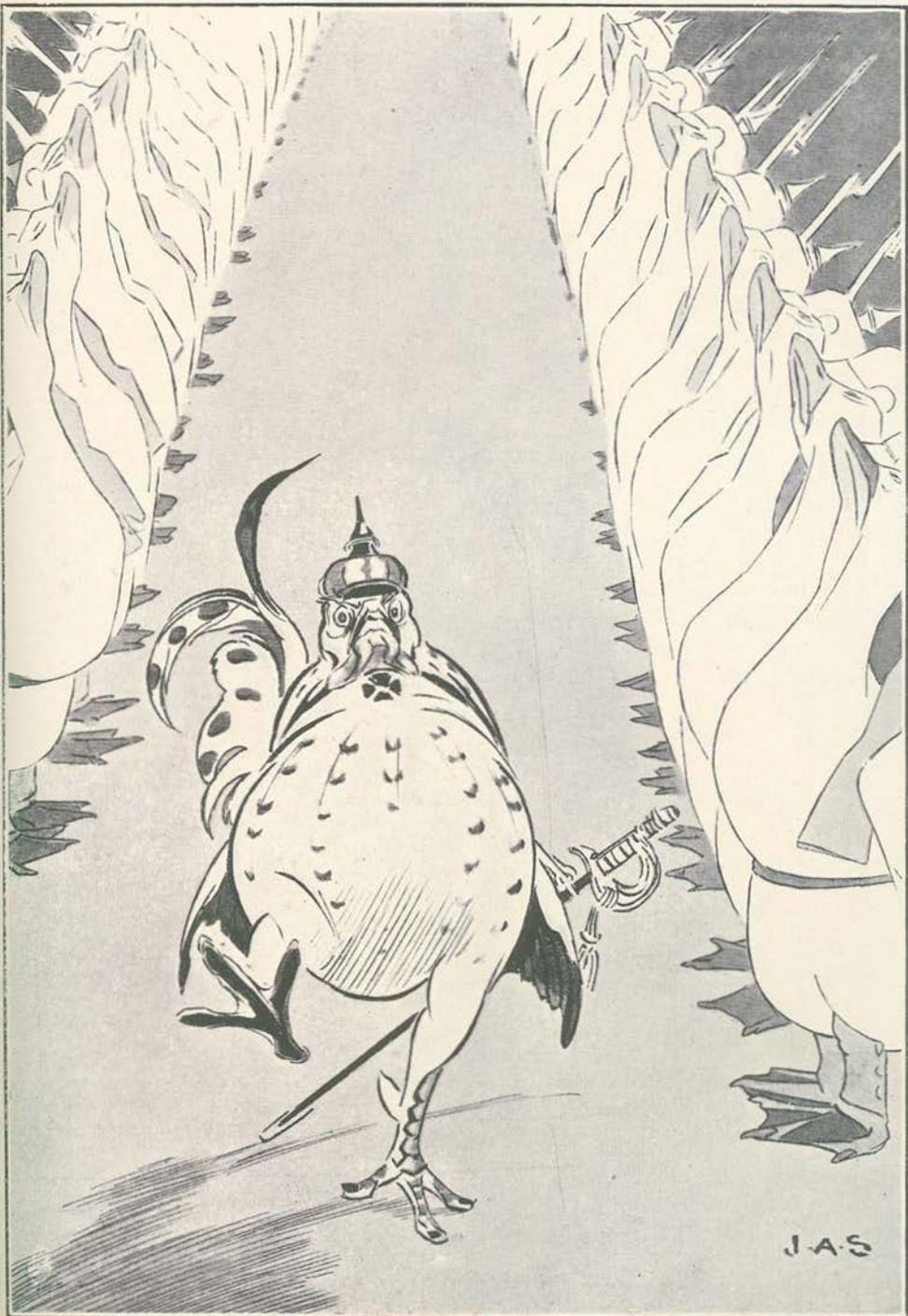
Uma trincheira dos alpinos a uma grande altura



Funeral de Pegoud em Belfort.—O feretro era precedido de mais de cinquenta coroas, e, atrás do carro fúnebre, seguiam as condecorações do glorioso defunto. A família de Pegoud caminhava rodeada de oficiais do exército, aviadores, funcionários e personalidades notáveis.—(Cliché Excelsior).



No aniversario da batalha do Marne:—1. Grandiosa manifestação de homenagem aos tumulos dos gloriosos heróis do Marne, vendo-se entre os manifestantes, monsenhor Chesvelong, monsenhor Marbeau e o general Michal.—(Cliché Excelsior).—2. Visita ao grande tumulo de Neufrentiers, onde repousam cinquenta bravos da memoravel batalha.—(Cliché Branger).



A "kultura" da criação : O celebre galo hamburguez todo flamante.

(J. A. Shepherd).



NOVO SINO DE ALARME

(The Illustrated London News)

Nas trincheiras inglesas uma granada alemã serve de sino de alarme para avisar os soldados de que se aproximam nuvens de gases asfixiantes e é preciso pôr os respiradores

O DRAMA DA PAIXÃO



A Paixão de Cristo tem inspirado inúmeras obras de literatura dramática, muitas das quais não se elevam á grandeza do assunto, nem conseguem exprimir a poesia maravilhosa que uma grande parte da humanidade encontrou na lenda de Jesus. Não é azada oportunidade para discrepar ácerca da filosofia ou dos fundamentos da religião cristã, nem tão pouco da arte a que ela deu origem. O nosso intuito é mais singelo: referir a singularidade de um drama sacro que se representa, ha duzentos anos, em cada decenio, na pequena povoação da Baviera (Oberam-



mergan) que fica a poucas leguas de Munich.

A origem d'esta função remonta aos meados do seculo XVII, quando os habitantes d'aquêle burgo, completamente desolados por uma terrivel epidemia de peste, resolveram fazer o voto de representar, de dez em dez anos, a Paixão de Cristo. E certo é que, a partir de 1663, até á presente data, a promessa tem sido fielmente cumprida, exceto no ano de 1870, em que os espetaculos tiveram de ser interrompidos por causa da guerra franco-prussiana, — coincidência que não se deu nem dará, agora,



1. O ator a quem, na ultima representação, foi distribuido o papel de Jesus Cristo—3. O encontro de Jesus com a Samaritana, junto de um poço da cidade de Sicar—2. A atriz a quem, na ultima representação, foi distribuido o papel de Maria Madalena—4. Uma rua da povoação Oberammergan, onde se representa, de dez em dez anos, o celebre drama sacro *A Paizão*.

com o conflito europeu, pois não é presumível que ele dure até 1920, época da segunda recitação d'este século.

A povoação de Oberammergan é extremamente pitoresca. Espreguiça-se em volta das margens do rio Ammer, serpeando por entre montanhas de formação e estratificações caprichosas. É conhecida em toda a cristandade, graças às célebres representações da *Paixão*, nas quaes chegam a tomar parte cerca de mil figuras ou seja, pouco mais ou menos, dois terços da sua população.

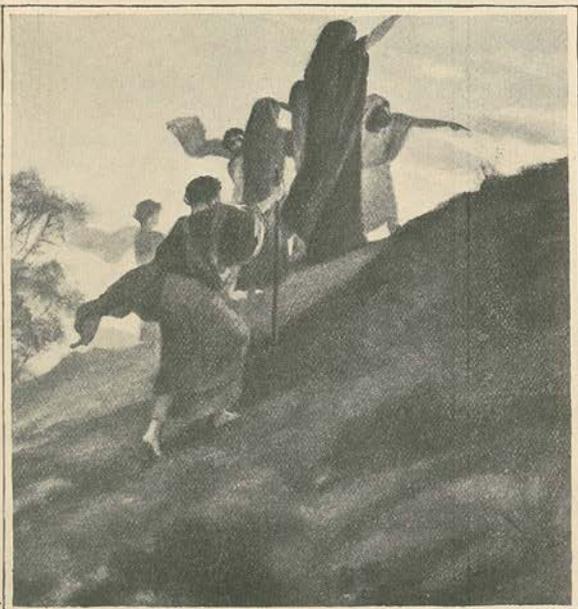
Está averiguado que os seus habitantes se dedicam quasi exclusivamente á exhibição d'essa obra dramatica,—até mesmo nos longos interregnos—porque dos lucros da exploração, que se podem computar em um milhão de marcos por cada epocha—constroem pontes, canaes, diques, hospitaes e escolas, organisam corpos de bombeiros e fazem reparações de estradas, etc. A vida

de oberammerganer concentra-se na interpretação d'esse drama maximo da humanidade, porque se convenceram de que estão investidos de uma missão sagrada, para o desempenho da qual se dispõem a sacrificar os proprios interesses. Assim é que os interpretes, que, por circumstancias fortuitas, tenham abandonado o torrão natal, logo que se avizinha a epocha dos ensaios, largam todos os negocios para não faltarem a nenhum dos trabalhos preparatorios. Não ha exemplo de um habitante haver desprezado o mais insignificante papel que lhe fosse distribuido, porque, tambem, essa regalia só é coartada, quando algum pela sua conduta moral se torne indigno de colaborar



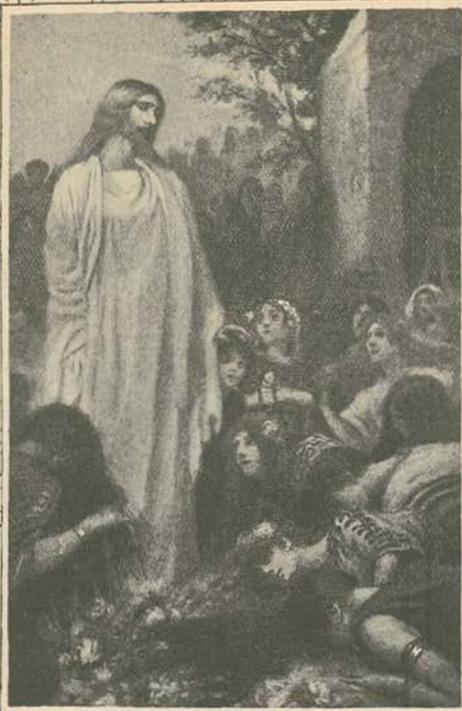
portamento moral e civil exemplar. E, como todos acatam estas resoluções com o mais acendrado espirito de patriotismo, ninguém se exime ao papel que lhe fór destinado, de sorte que só os naturaes representam, visto como para eles seria um desaire entregar a mais pequena colaboração a um individuo desonrado ou qualquer

forasteiro, ainda o que tenha nascido mais proximo da povoação. Não quer isto dizer que todos os interpretes sejam santos, porque tambem alguns discipulos de Cristo tiveram as suas fraquezas; mas tem, pelo menos, um grande respeito pela tradição e obedecem cegamente á disciplina que preside aos trabalhos que decorrem sempre com ordem e metodo verdadeiramente surpreendentes. No tocante ás mulheres, a sua intervenção não é menos curiosa e interessante. Para colaborarem tem que ser solteiras, de modo que algumas d'elas, resignam-se ou submettem-se ao voto de castidade por o considerarem acima de todas as consequencias e prerogativas do casamento.



1. Matando a sede

2. Subindo o monte a cantar



Depois a montagem do cenário colossal que é dispendiosíssima. A cada uma das representações podem assistir cerca de 4.000 pessoas. Grande parte do material de cena é distribuído convenientemente, segundo as aptidões dos habitantes, mas há a contar com a indumentaria, cujos debuxos são confiados aos artistas de maior fama no género e, para obedecerem ao rigor dos desenhos, empregam-se dezenas de costureiras e *costumiers*, assim como para a decoração foram adquiridos, no Oriente, quadros preciosísimos que dão, aos diferentes lances dramáticos, toda a côr local, de sorte que não há pormenor, por mais insignificante que o pareça, que não seja rigorosamente estudado e observado.

Só assim se compreende que estas festas religiosas tenham grangeado fama mundial. E pôde-se fazer idéa do que são essas funções pelo numero de turistas que afluem á pequena povoação das margens do rio Ammer, sempre que ali se representa o celebre drama religioso. Em 1900, estiveram em Oberammergan, mais de duzentos mil espectadores, cujos gastos, independentemente dos preços das locações, montam a muitos milhares de marcos de que se aproveita a comunidade. Contudo, os habitantes d'aquêle burgo bávaro não pretendem enriquecer, *fazendo negocio* com as representações sempre revestidas e impregnadas de poeira e da tradição que mantem aavez dos seculos. Tem recebido sempre inumeras propostas feitas por empresarios americanos e inglezes, por entenderem que não devem mercenciar com a sua *Paixão*. A prova d'isso está em que os proprios actores principaes não chegam a cobrar, por cada serie de 40 representações, mais do que 1.000 a 1.500

marcos; e os de segunda e terceira categoria, entre 60 e 400.

Compreende-se que, entregando-se nas mãos de uma empreza industrial, os lucros deviam ser fabulosos, enriquecendo a companhia. Mas, se seguissem essa orientação perderiam, de certo, o cunho de idealismo—que não se pôde negar-lhes em tudo que se refere as representações. Por outro lado, *A Paixão*, tal como ali é interpretada, não teria, certamente, n'outro local, a intensa melancolia e a funda impressão que lhe empresta a paisagem de tons maravilhosos. E' n'um vale ameno que se estende a pequena povoação, com suas almargens floridas, tendo, ao fundo, uma cordilheira de montanhas alcantiladas que, como cenário natural, parecem colaborar na grandeza interpretativa de um dos assuntos que mais teem agitado a humanidade.

Quando terminam as festas, cada um dos interpretes figurantes e comparsas regressa ás suas occupações habituaes até á proxima epoca que é d'ahi a dez anos. A maior parte, prepara-se lentamente para as futuras interpretações, porque não é com facilidade e por meio de alguns ensaios preliminares, — dois mezes antes de cada recita — que alguns seriam capazes de personificar as figuras complexas que entram no desenrolar d'esse grande drama religioso.

Houve um interprete do Judas tão notavel que os aldeãos das povoações circunvisinhas,—quando, no dia seguinte, n'ele reconheceram o traidor,—mataram á paulada, de tal modo o infeliz do tina suggestionado na vespera.

AFONSO GAYO



1. A oração dos velhos perante Jesus Nazaré.

2. Os judeus orando sobre os montes

(Desenhos da Samaritain: de Rostand).

FIGURAS E FACTOS



O sr. Carlos Ferreira, illustre autor do excelente livro *Os alemães na Bélgica* e nosso agente comercial n'aquelle paiz.



O sr. dr. João de Vasconcelos, insigne medico portuense, autor do bello e substancioso livro *Tratamento Natural*



O sr. dr. Aarão de Lacerda, autor do livro ha pouco publicado *Da Ironia, do Ritmo e da Captura*, e notavel critico d'arte.



O sr. Neves de Carvalho, autor do bellissimo livro de contos *Batendo os matos*, que foi justamente apreciado pela critica.

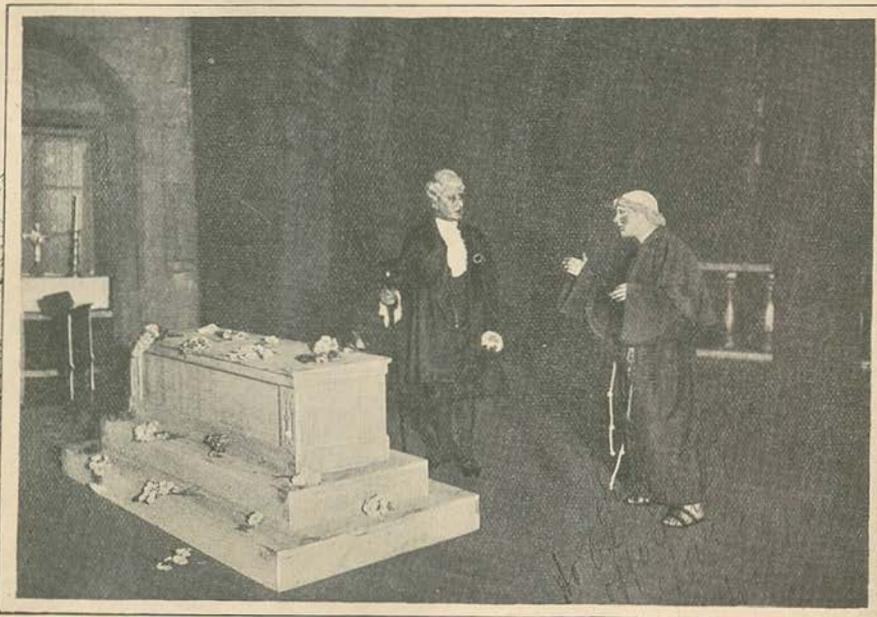
O erudito escritor e poeta distinto sr. dr. Julio Dantas, illustre cronista da «*Ilustração Portuguesa*», restabelecido já da doença que o afastou da convivência espirital com os nossos leitores, retoma no proximo numero o seu lugar que tão brilhantemente tem desempenhado, bem como as suas funções officias e os seus muitos trabalhos literarios.



O sr. dr. Julio Dantas

O sr. Mario de Almeida

O sr. Mario de Almeida, que, sendo um dos mais ilustrados officias do exercito, é tambem um literato de valor, substituiu com grande distincção o sr. dr. Julio Dantas, nas suas cronicas da «*Ilustração Portuguesa*». A maneira como ele se houve da sua incumbencia, apreciaram-na de certos nossos leitores devidamente, pela elegancia e pelo espirito da sua prosa.



Cena da peça do illustre escritor e nosso colaborador, sr. dr. Julio Dantas, *O Primeiro Beijo*, que com um espetaculo constituido por outras brilhantes peças suas, a *Cela dos Cardeaes* e *Rosas de todo o ano*, foi representada no Teatro da Paz, no Pará, solenizando a fundação do estado e cidade de Belem. Os papeis foram assim distribuidos: *Morgada da Rosa*, Madame Romero; *Morgado de Amarez*, sr. Anibal Ramos e *Guardião de S. Francisco*, sr. João Carlos Soares.—(Cliché Tidane-Pará).



O sr. Henrique Marques Junior, distinto escritor, autor do *Libro de Luta*, leitura para creanças, editado pelos livreros sr. Guimarães & C.ª



O sr. Artur de Oliveira Valença, o grande patriota que em Paris organizou o batalhão de voluntários portugueses e a quem no Porto foi oferecido, no Hotel Continental, um gran-

dioso banquete a que assistiram muitos dos seus admiradores e officiaes que o felicitaram em calorosos brindes.



O 1.º tenente da armada, sr. Fernando Vieira Machado, nomeado recentemente comandante da lancha canhoneira *Macao*.



A Escola 5 de Outubro, em Cesar, Aveiro.— No medalhão, o seu henemento instituidor, sr. Justino Francisco Portal.



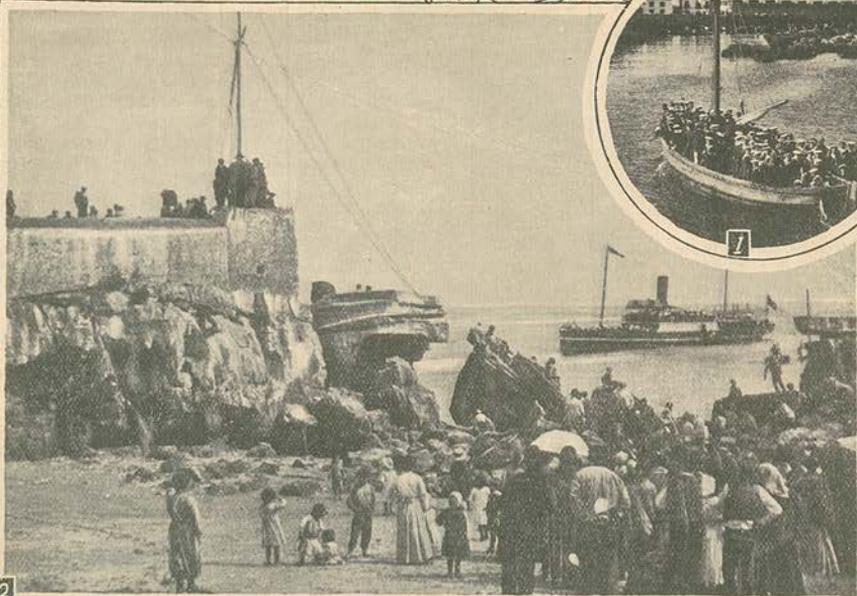
O sr. Justino Francisco Portal ◊ entre um grupo de amigos (Clichê do sr. Afonso Prata).



Grupo Dramatico de Figueiró dos Vinhos, que ali realisou uma recita a favor dos feridos na guerra d'Africa, cuja importancia, 2533 escudos, foram enviados para juntar a subscrição do *Seculo*. Da esquerda para a direita: 1.º plano, os srs. João Antonio Semedo, Antonio Rodrigues, D. Etelvina Nogueira, Joaquim Granada e Bertlim da Silva; 2.º plano os srs. Guilherme Agria, Antonio Serra, José Matos, José Pedro dos Santos e Joaquim Souza; 3.º plano os srs. Artur Furtado, Gameiro Santos, Jaime Agria e Antonio Dias de Paiva.



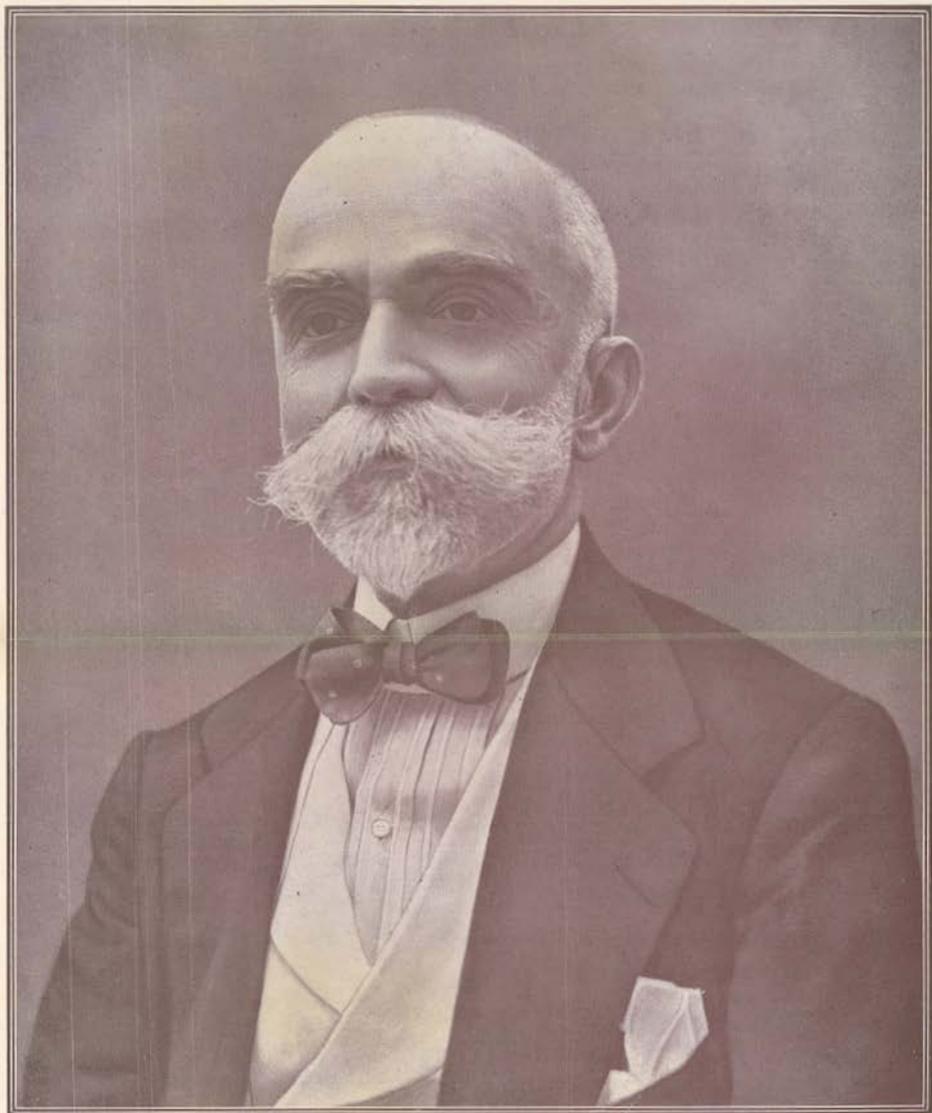
Os promotores, todos sargentos, de uma recita realisada em Lourenço Marques, a favor dos feridos «a guerra» e para os soldados portugueses em campanha em Africa, cujo produto se elevou a 26465 escudos, que vieram engrusar a subscrição aberta no *Seculo* — Sentados da esquerda para a direita: os srs. Antonio M. Junior, Manuel M. N. da Silva e Amibal A. Viana. De pé: os srs. A. do Vale e Leonel C. Fernandes.



Peniche: Chegada do vapor *Extremadura* com os alunos do Asilo Maria Pia. No medalhão: barco a gasolina gentilmente oferecido para o desembarque dos alunos. (Cliché do distinto amador sr. José dos Ramos M. Veríssimo).



S. Mamede da Infesta.—Aspetto do arraial da capelinha de Santa Eufêmia, no lugar da Ermida. No medalhão: outro aspecto do arraial vendo-se o coreto. — (Cliché do distinto amador sr. J. Castro).



O sr. dr. Bernardino Machado, 3.º Presidente da Republica Portuguesa

(422)Ch. Vazquez

Eleito em sessão do Congresso a 6 de Agosto de 1915

O sr. dr. Bernardino Machado é uma das figuras mais distintas, prestigiosas e queridas, que do magisterio superior tem vindo para a politica. Defensor strenuo e intemerato da causa republicana ha longos anos, ministro dos estrangeiros do governo provisorio, deixando a sua ação assinalada pela rapidez com que os outros estados reconheceram a Republica Portuguesa, nosso ministro plenipotenciario no Brazil, onde o nome e os interesses de Portugal foram carinhosa e devotadamente defendidos e, por fim, presidente de minis-

terio n'uma conjuntura bem difficil, se o sr. dr. Bernardino Machado exulta por ver hoje realisado o seu legitimo sonho de presidente da Republica, todo o paiz tambem o vê com orgulho e satisfação, porque desde o tempo da sua ferverosa e comunicativa propaganda já trazia idealisado o illustre estadista para o supremo cargo da magistratura portugueza.

A *Ilustração Portuguesa* apresenta as suas respeitosas homenagens ao novo Chefe do Estado.

VILA DO CONDE



Senhoras passeando ao longo do court do tennis

Vila do Conde é uma das mais concorridas praças do Norte e este ano não lhe faltou a costumada concorrência. Os banhistas, procurando passar o mais ameno tempo possível, organizam belíssimas festas que se tornam memoráveis e que nunca esquecem aos que n'elas to-

mam parte ou a elas assistem. As que mais brado deram este ano foram o brilhantíssimo «bal-de-têtes» realizado nos esplendidos salões da Assemblêa e uma engraçadíssima «Gimkhana» e um chá no «Club de Tennis», que teve uma concorrência muito seleta.

Os «clichês» que reproduzimos, e que nos foram enviados pelo distinto fotografo amador sr. José Pinto Menezes, reproduzem aspectos d'estas duas ultimas festas.



2



3

2. Um combate hipico.—3. Um grupo da assistencia.

A VILA DA FRONTEIRA



Um rancho de mulheres ceifando a ceara do lavrador × sr. Daniel Moreira Geme..

Fronteira é uma das mais lindas vilas alemtejanas. Está situada em terreno elevado e plano, entre a margem



Fachada da Misericórdia e hospital.



Um jantar no moinho Garcia

esquerda da ribeira Ana Loura, e a direita da de Lupe. Tem uma só freguezia, Nossa Senhora da Atalaia, nome que, dizem, lhe foi posto pela rainha Santa Isabel. Tem propriedades onde a lavoura é realisada com orientação, tirando os seus proprietarios, da rica industria, os rendimentos. Citam-se como as melhor cuidadas as herdades dos srs. Daniel Moreira Gomes e João Ma-



Uma caçada na Samarruda, herdade do lavrador sr. João Manuel Firminino +. —(Clichés do distinto smador sr. Antero Zacarias Berxa).

PÓ DE ABYSSINIA EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficaz contra a
ASTHMA
 Catarrho, Opressão
 35 Anos de Bom Exitto.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle
 PARIS
 2 BOAS PHARMACIAS

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS
PILULAS DIGESTIVAS FOSTER

(Tónico-Laxativas, Anti-Biliosas)

Remedio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas; enxaquecas; digestões difficíes; pobreza de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bilis; tez amarellada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; nauseaas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés frios; etc; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C^o**, Succes.,
 Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

Compra e venda de propriedades
HYPOTHECAS
 EM LISBOA E PROVINCIAS
 TRATA: **A. GOMES DA SILVA**
 R. Augusta, 229, 2^o - LISBOA -

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Lêr na quinta-feira proxima o

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Trabalhos de Zincogravura,
 Fotogravura, Siereotipia, Im-
 pressão e Composição

Fazem-se nas

OFICINAS

DA

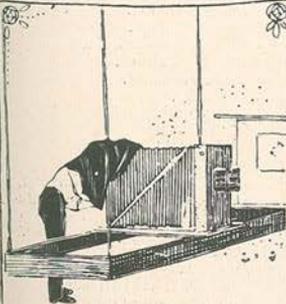
Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédivel perfeição.

Zincogravura e Fotogravura em zínco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a côres, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

Stereotipia de toda a especie de composição. Impressão e composição de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SÉCULO, 43 — Lisboa



LIVRARIA EDITORA GUIMARÃES & C.^A

68, Rua do Mundo, 70—LISBOA

NOVIDADES LITERARIAS:

Historia Illustrada da Grande Guerra

Publicação em vols. de 240 paginas, mais ou menos, profusamente ilustrados, a 30 centavos (300 réis)

Publicados 2 vols. — Sahe 1 vol. por mez

OS ALEMÃES NA BELGICA (A inviolabilidade, neutralidade, e o direito das gentes, ou os crimes da Alemanha na Belgica).

por CARLOS FERREIRA, agente comercial official da Republica Portuguesa em Bruxelas,

1 vol. Capa ilustrada, 50 centavos (500 réis)

FRANÇA E BELGICA por VICTOR HUGO.

2. vol. br. 40 centavos (400 réis). Encad. 60 centavos (600 réis)

Colecção HORAS DE LEITURA (a 20 centavos cada volume)

OBRAS PUBLICADAS:

- | N.º | | N.º | |
|------|--|-------|---|
| 1 a | 4. <i>Ivanhoe</i> , de W. Scott, (2.ª edição). | 53. | <i>Miseraveis</i> , (Cañas y barro), de Blasco Ibañez. |
| | 5. <i>O frade negro</i> , por Clemencia Robert, (2.ª edição). | 54. | <i>O abade Constantino</i> , de L. Halévy. |
| 6 a | 7. <i>As Semi-Virgens</i> , de Marcelo Prévoste, (3.ª edição ilustrada). | 55. | <i>O dr. Rameau</i> , de Jorge Ohnet. |
| | 8. <i>Werther</i> , de Goethe, (4.ª edição ilustrada). | 56. | <i>Agua corrente</i> , de Severo Portella. |
| | 9. <i>Madame Flirt</i> , de Jacques Yvel, (2.ª edição). | 57. | <i>O luxo dos outros</i> , de Bourget. |
| 10 a | 12. <i>A taberna</i> , de Zola (3.ª edição). | 58. | <i>O tio Goriot</i> , de Balzac. |
| | 13. <i>O Vigario de Wakefield</i> , de Goldsmith, (2.ª edição). | 59 e | 60. <i>A derrocada</i> , de Zola. |
| | 14. <i>A vida aos vinte anos</i> , de Dumas, filho, (3.ª edição). | 61. | <i>O canto do Cygne</i> , de Tolstoi. |
| | 15. <i>A vida profunda</i> , de Bourget, (2.ª edição). | 62. | <i>Contos</i> , de G. de Maupassant. |
| | 16. <i>O dominó amarelo</i> , de Marcelo Prévost, (2.ª edição). | 63 e | 64. <i>Naná</i> , de Zola. |
| | 17. <i>Cortezá</i> , de A. Belot, (2.ª edição). | 65. | <i>A sonata de Kreutzer</i> , de Tolstoi. |
| | 18. <i>O Rosgado</i> , de Delfim Guimarães, (2.ª edição). | 66. | <i>O padre maldito</i> , de Silva Pinto. |
| | 19. <i>Os Vagabundos</i> , de Maximo Gorki, (4.ª edição). | 67. | <i>Paulo e Virgim a</i> , de Saint-Pierre (2.ª edição). |
| | 20. <i>A Escravidão Moderna</i> , de Tolstoi, (3.ª edição). | 68 e | 69. <i>O dinheiro</i> , de Zola. |
| | 21. <i>Os degenerados</i> , de Maximo Gorki, (4.ª edição). | 70. | <i>Confissão d'um amante</i> , de Prévost. |
| | 22. <i>A Dama das Camélias</i> , de Dumas, filho, (4.ª edição, ilustrada). | 71. | <i>A sepultura do ferro</i> , de H. Conscience. |
| | 23. <i>As Virgens</i> , de G. d'Annunzio, (3.ª edição). | 72. | <i>A musa do departamento</i> , de Balzac. |
| | 24. <i>Na prisão</i> , de Maximo Gorki, (3.ª edição). | 73 e | 74. <i>A obra</i> , de Zola. |
| 25 a | 26. <i>A Dama das Perolas</i> , de Dumas, filho. | 75. | <i>Genoveva</i> , de A. de Lamartine. |
| | 27. <i>Varenka Olessova</i> , de Maximo Gorki. | 76. | <i>Um filho do povo</i> , de Eschrich. |
| | 28. <i>O Jardim dos suplicios</i> , de Octavio Mirbeau, (3.ª edição). | 77 e | 78. <i>O crime do padre Mouret</i> , de Zola. |
| | 29. <i>Menina e moça</i> , (Saudades), de Bernardim Ribeiro | 79. | <i>Casamentos fidalgos</i> , de Feuill. |
| | 30. <i>Na Esteppa</i> , de Maximo Gorki. | 80. | <i>Amor tragico</i> , de A. Hermand. |
| | 31. <i>Nami-ko</i> , de Tokutomi. | 81. | <i>A Religiosa</i> , de Diderot. |
| | 32. <i>Um conchego de Solteirão</i> , de Balzac, (2.ª edição) | 82 a | 84. <i>Ana Karenina</i> , de Tolstoi. |
| | 33. <i>Sapho</i> , de Daudet, (2.ª edição). | 85 e | 86. <i>A besta humana</i> , de Zola. |
| | 34. <i>Um começo de vida</i> , de Balzac. | 87. | <i>Deus e o diabo</i> , de Karr. |
| 35 e | 36. <i>O paraiso das damas</i> de Zola, (2.ª edição). | 88. | <i>O Refugio</i> , de Cesar Porto. |
| | 37. <i>Amor e liberdade</i> , de Tolstoi, (2.ª edição). | 89. | <i>Do portal á claraboia</i> , de Alberto Pimentel. |
| | 38. <i>Casamento de amor</i> , de Theuriet (2.ª edição). | 90. | <i>Fromont Junior e Risler Senior</i> , de Daudet. |
| 39 e | 40. <i>Ilusões perdidas</i> , de Balzac, (esgotados). | 91. | <i>Sphrodite</i> , de Pierre Louys. |
| 41 e | 42. <i>Esplendores e misérias das cortezás</i> , de Balzac, (esgotados). | 92 e | 93. <i>Ressurreição</i> , de Tolstoi. |
| | 43. <i>A ultima incanção de Vautrin</i> , de Balzac | 94. | <i>A serpente</i> , de Almachio Diniz. |
| | 44. <i>Mater dolorosa</i> , de Ernesto Daudet, (2.ª edição). | 95. | <i>Longe da vista</i> , de Alexandre Malheiro. |
| | 45. <i>O Immortal</i> , de Affonso Daudet, (2.ª edição). | 96. | <i>As vozes dos sinos</i> , de Carlos Dickens. |
| | 46. <i>Ares do Minho</i> , de Delfim Guimarães. | 97. | <i>O grande industrial</i> , de Jorge Ohnet. |
| | 47. <i>Historia d'um beijo</i> , de E. Perez Eschrich, (2.ª edição). | 98. | <i>Regina</i> , de Lamartine. |
| | 48. <i>O intruso</i> , de Gabriel d'Annunzio, (esgotado). | 99 e | 100. <i>A terra</i> , de Emilio Zola. |
| | 49. <i>A mulher de 30 anos</i> de Balzac. | 101. | <i>O cabo Frederico</i> , de Erckmann Châtrian. |
| 50 e | 51. <i>Sermão</i> , de Zola, (2.ª edição). | 102. | <i>Cherese Raquin</i> , de Emilio Zola. |
| | 52. <i>O crime de Silvestre Bonnard</i> , de Anatolio France. | 103. | <i>As desencantadas</i> , de Pierre Loti. |
| | | 104 e | 105. <i>Roupa suja</i> , de Emilio Zola. |
| | | 106. | <i>Alma de creança</i> , de Dostoiévsky. |
| | | 107. | <i>Paixão criminosa</i> , de Raul Morfontaine. |
| | | 108. | <i>Madame Bifteck-Paff</i> , de Teotonio Filho. |
| | | 109. | <i>Historia de duas almas</i> , de Emilio Castelar. |
| | | 110. | <i>O testamento roubado</i> , de Rosny. |
| | | 111. | <i>Viagens d'ul Guliver</i> , de Swift. |
| | | 112 e | 113. <i>A conquista de Plassans</i> , de Zola. |
| | | 114. | <i>Aspetros</i> , de Ibsen. |
| | | 115. | <i>Ambição de mulher</i> , da Sudermann. |